

COMUNA LIVRE

Orgão e propriedade da UNIÃO ANARQUISTA COMUNISTA

QUINZENARIO

Redacção e administração:

No Norte: R. Fernandes Tomáz, 224—Porto

No Sul: T. dos Fieis de Deus, 123, rje—Lisboa

Director: Bartolomeu Constantino

Editor: Domingos Pereira da Rocha

Comp. e imp. na TIPOGRAFIA PENINSULAR—R dos Mercadores, 171—PORTO

ASSIGNATURA

12 mezes	30 cent.	Para os outros pa-
6 "	15 "	zes acresce o impor-
3 "	7,5 "	te do correio.

Avulso 1 centavo

CAMPANHA UMANITARIA

Apesar das resoluções tomadas no comício de 8 do corrente, parece que pouco ou nada se tem feito para tentar libertar os camaradas presos. Ha tres semanas que se resolveu iniciar a agitação por meio de sessões de protesto em todo o paiz e o tempo corre e nada se faz. Urge sair desta apatia; assim não se libertam os camaradas que jazem na Bastilha de Campolide.

Provado está que a classe burgueza e os seus representantes, que fazem parte do governo, não cedem por boas palavras. Só o fazem, e quando é, perante manifestações coléctivas de carater violento!

A grêve geral revolucionaria, estalando duma extrimidade a outra do paiz, fará compreender aos farçantes do poder e aos caciques seus partidarios, que a classe operaria está resolvida a vir á rua para libertar os seus camaradas de luta, os seus irmãos de sofrimento!

Porque espera, pois, a União Operária Nacional?

Vamos, um pouco de boa vontade e de energia, e conseguiremos libertar os presos ou iremos perecer com eles.

Acabemos com subterfugios...

Liberdade aos presos por questões sociais!

A LUTA

Nestes ultimos tempos se tem propalado, benevolmente, as diversas fases que a luta travada na Europa, ha tomado.

Vemos que uns e outros defendem ardilosa e cruamente, os diversos principios de *ciuidade*, como sendo o apogeu dos principios scientificos, e lutam duma forma tal que nos parece um conto de velha fada.

Não ha, ao que parece, até ôje, quem não tenha simpatia por este ou aquê exercito, não se lembando que de ambas as partes lutam, inconscientemente, seres da nossa forma, ainda que tenham é certo, idioma diferente;

Quem não pensará nesta hora tragica, que se atravessa, e que serve para uma devastação na humanidade?

Quem não terá um pequeno sentimento de que esta assolante luta é propria de canibais, e não de homens que a toda a hora nos incomodam com o seu *literaturismo*, com as suas fantasticas polémicas?

Se estudarmos um pouco, se um pequeno esforço se fizer, vê-se na por toda a parte só apparece: inquietação e lagrimas, que os pobres sêes desprovidos de fortuna vertem.

A tempestade da morte já estalou sobre novas povoações e o sangue de essas victimas teem regado tão imensas searas, como até agora a historia não regista!

Todos os exercitos em luta estão esperançados que os belos feitos das suas armas e a devoção no seu deus, lhes trará a victoria.

E não só as nações directamente envolvidas, mas tambem as da alta cordealidade, querem compartilhar do *grande feito eroico*.

E contra os conhecidos marchar marchar irão creaturas que, sem terem a menor offensa dos beligerantes, pois nunca os conhecera e nunca se viram ofendidas, terão por missão aumentar o numero das viúvas dos orfãos e da prostituição; enfim centuplicar a Desgraça. E isto porque lhe impõem o dever a cumprir: o da pátria.

Quando voltarem da chacina, estão esses operários receberão a

recompensa com a falta de substancias indispensaveis á vida, com a falta de trabalho lutando em vão, restando-lhes apenas uma garantia: o suicidio. Os que por um fenomeno escaparem da borrasca sanguinalenta, verão a reforma das viúvas e dos orfãos dos camaradas que deixaram no campo da batalha: a miseria.

E todos ver-se-hão na dura necessidade de vaguearem pelas praças publicas, esperando-os a prostituição e os ferros da republica com novas ampliações e preceitos de hygiene.

Entim, é a completa desorganização social o meio pôtre e carcomido dos regimens que nos oprimem e a inconsciencia popular, que, sem dúvida, acarretam milhares de inconveniencias e convergem para um só fim: o Mil.

Mas, se os governantes agora mandam com os seus compromissos secretos, terá depois a palavra o Ludibriado.

Domingos Pereira da Rocha

5 d'Outubro

A cidade de *marmore e granito* mais uma vez festejou esta data; e realmente parece que o povo *alfacinha* não vive para outra coisa. Quando se julgava que os trabalhadores estavam dispostos a olhar para a sua situação, que é mais que terrivel, viu se com assombro que ele pedia festas e pão caro.

E não ha ninguem que viva mais feliz. Até mesmo parece, como as revoluções são o trivial, que metem requerimentos para sovas de cavalo marinho, que não deixam de ser tambem triviais.

A vida aqui esta carissima; por toda a parte se ouvem lamentos, queixas, e imprecações contra os açambarcadores; e no entanto basta um pequeno aceno com bandeiras e musicas para o povo se calar. Basta que os jornais anunciem uma manifestação ás nações *aliadas* com acompanhamento da banda da republica ou outra, para que parte do povo esqueça o seu dever e corra pressuroso até junto

dos patriotas. E se aqueles que sempre teem exposto a sua vida e a sua saude em proveito da causa dos trabalhadores, lhes fazem ver que o caminho trilhado e erroneo, eles respondem:—ora se lá vou, é para ouvir a musica,—como se com musica e foguetes se pudesse fartar o estomago, que está sempre famelico: Como se com musica e foguetes se pudessem illuminar os cerebros obscuros.

Quão ingenuo é trabalhador, que não comprehendes que, com quanto vás só para ouvir musica, vais tambem engrandecer manifestações e servir os interesses dos que só pensam em te esbulhar de tudo quanto possues ou possas possuir.

Pois o que necessario é, se tens vontade de melhorar as pessimas condições de vida, é que venhas engrossar as manifestações que dão mais resultado, e que são as promovidas pelos proprios operários.

Ah! Mas... as manifestações operarias não teem musicas nem foguetes.

E sabes tu, ludibriado, meu irmão, a razão d'isso? E' porque os operarios conscientes quando promovem manifestações, não é para ouvirem os acordes embriagantes das bandas macticas, as notas vibrantes dos hinos patrioticos. E', sim, para reclamarem da burguezia, uma pequenissima parcela do que ha seculos lhes veem roubando. E não querem, por principio algum, que ás suas manifestações concorram individuos enganados, mas trabalhadores, que tenham a consciencia do que vão reclamar.

Então é que a multidão, com o seu enthusiasmo proprio, solta do seu peito, como que lançada ao rosto dos seus verdugos, a Internacional dos trabalhadores e o hino anarquista. Estrofes que fazem vibrar a alma revolucionaria dos que lutam por uma sociedade mais bela, mais justa.

Estrofes que não fazem lembrar uma mesquinha patria, mas a grandiosa, a bella Patria mundial.

Portanto, trabalhadores, se o 5 de outubro de 1915, passou sem um protesto contra a carestia da

vida, e contra a carnificina que assola a Terra, não mais entres em manifestações ou festas patrioticas

e que em 5 de outubro de 1915 o mesmo se não possa dizer.
Lisboa
Alfredo Cruz.

Abaixo a fome!

Notim das peixeiras—Assalto aos depositos de azeite em Cacilhas.—Violencias da tropa—Mortos feridos e prisões.—COMICIO NO BARBEIRO

A semana finda foi fertil em acontecimentos graves.

A já caduca questão das subsistencias está a entrar no periodo grave, e que varios elementos de ordem teem querido aceitar.

As classes pobres teem vindo sendo embaladas na cantata de melhorar a sua situação affitiva.

Para isso teem-se feito portarias ás carradas, nomeado comissões, feito tabelas, congressos etc, etc, porém, o que é um facto é que a situação cada vez se agrava mais e o povo começa a compreender que a paciencia é boa, mas que não enche estomagos vazios!

Todos protestam, o que compra e o que vende, sem serem mais que o factor principal deste mau estar é o Estado, que para sustentar o organismo social da propriedade privada, do capital, sobrecarrega produtores e consumidores com impostos horrorosos, agravados pelos açambarcadores, que se aproveitam das epochas anormaes para explorarem o povo com o consentimento dos governos.

O que se faz com o peixe é uma deshumanidade: obrigar-se uma pobre mulher a vender nas ruas peixe pela tabela imposta por um policia, quando ao dono da pescaria se lhe não impõe tabela alguma! Só num país de especuladores e de *formigas*, tal succede.

Daf a revolta das peixeiras que, indignadas promoveram forte motim, pisando peixe, e fazendo outras manifestações de protesto ruidoso.

Intervem a tropa que espadeira o povo, recebendo em troca saravadas de pedras. E' a arma popular, e o protesto das ruas.

Em Cacilhas, onde há longos mezes se luta com uma terrivel

crise de trabalho, o povo exasperado atacou um armazem de azeite.

A *ordem*, que se não importa que se mórra de fome, corre pressurosa a chamar tropa, paga pela miseria popular, para defender a propriedade assaltada.

O governo que não dá pão, manda dar chumbo, aos miseraveis que se debatem na miseria, para gaudio das classes ricas. O povo atacado pela tropa parece que resistiu, havendo feridos e uma pobre mulher morta.

Agora a vingança das autoridades, que não teem força para exhibir a exploração dos açambarcadores, prendendo operarios que por qualquer motivo lhe desagradem...

Estes factos izolados não-de-se concretisar e então não será Cacilhas um caso esporadico, outras a imitarão, espalhando como uma lava ardente e lançando fogo ao rastilho das revoltas comprimidas, originando um assalto coletivo, que termine com a miseranda situação dos trabalhadores; produtores da riqueza social, que não teem pão para suavisar as agruras da fome.

Sim! Abaixo a fome!
Gritava o povo revoltado e nós gritaremos tambem!
Abaixo a fome!

Toca as raías do despotismo o que se passa em Almada na óra em que escrevemos.

Camaradas de Lisboa são presos; o comicio é proibido e encarcerada a comissão de resistencia; espulsos do concelho os camaradas mais energicos e prestimosos.

O cabralismo em acção. O administrador, antigo *anarquista* governamental, persegue os opera-

rios, porque segundo a sua filosofia o azelte não é genero de primeira necessidade!

Por aqui se avalia o... homem que está á frente dos destinos do concelho d'Almada. Um Dracón, de baixo estilo.

Não pode ser. O que se está passando em Almada é uma infâmia, e que o regimen republicano consente.

COMICIO

Para protestar contra a fome que avassala a familia proletaria realizou-se no domingo, 17 de Outubro um comicio no Barreiro, promovido por uma comissáo de operarios.

A União Anarquista Comunista, sede do Sul, fez-se representar pelas camaradas Bartolomeu Constantino e Alfredo da Cruz. Todos os oradores encitaram o povo a fazer o que devia.

Sobre anarquismo houve uma bela propaganda.

Alto, tartufos!

Eis o brado indignado dum libertario que, sem sentimentalismo infantil, sem ajesuitadas maneiras de anti-violento, cospe na face estanhada dos *empresarios* da guerra o seu profundo desdém e lhe apresenta no rabo o ponta-pé fórmidavel da sua revolta.

Alto, tartufos!

Não abuseis da obediencia e do fanatismo politico deste pobre Povo—não do Povo que sente e pensa; que áje e se revolta—que embuido da pernicioso religião da Patria e secularmente absecado pelas deusas trevas da ignorancia, não passa duns automatismos manejados a bel prazer da burguezia parisitaria.

Alto, tartufos!

Que á sombra duma bandeira democratica, já esfarapada e suja pelas vossas *infamiazinhas* de *liberalissimos* ditadores *constitucionais*, pretendeis, — o suprema aberração humana—lançar nesse tenebroso matadouro da conflagração, milhares de portugueses, ao lado da Russia do knut e das minas da Siberia; onde o Povo é tratado como cães pela sua *humanitaria* autocracia, e encerrado nas masmórras do Imperio, ás ordens do *altruista* Paizinho:—o Czar! E tudo isto em nome da liberdade e da civilização!...

Alto, tartufos!

Será a vossa alma de lama mais fétida do que eu julgo? Chegará a vossa hidrofóbia de carrascos, de monstros sem coração, a consumir tamanha barbaridade em nome duma pretensa liberdade e dum *altruismo* falso?

Esperemos. E até lá vamos preparando aqueles que coisa alguma lucram com este estúpido duelo de raças, em holocausto á casa Krupp, aos altos financeiros e politicos...

—Povo! As guerras são geradas e fomentadas pelo regimen burguez.

Exterminemos o mal. Odio de morte ás patrias, ás fronteiras e a todos os charlatães, que espezinham e embrutecem os homens para os dominarem...

E' precisamente o partido democratico, ou republicano radical, que alucinadamente, miseravelmente prepara a chacina deste

Povo, sempre em nome da patria, sempre em nome dos interesses politicos e financeiros.

Estou daqui a ouvi-los já a chamarem-me germanofilo, os pultrões, os miseráveis. E eu sinto bailar-me nos olhos duas lagrimas de raiva.

Ouçõ já o chõro angustioso das mães... e vejo as noivas empalidecidas recendo o dia d'amanhã... O luto paira nos corações, e as gargalhadas sarcasticas dos patriotas, num selvatico entusiasmo de canibais, resoam de mistura com as notas da Portuguesã e dos vivas á fraternisação dos povos!

Alto, tartufos!

Vençam os aliados ou a Alemanha; triumphem os barbaros ou os civilizados, o proletario hade ser sempre o eterno roubado, o eterno paga tudo. O militarismo feutão, ou o militarismo *altadofilo*, é sempre a escola da opressão e da morte, a repugnante profissão do crime... patriótico e legal.

O que urge é, que os escravos da caserna, das officinas, num gesto sublime de fraternidade universal, se revoltem e expropriem os instrumentos de trabalho, as fabricas, a terra inteira aos detentores burgueses. Que mandem para os quintos todos os Kaisers, represantes de Deus na Terra, e todas as testas coroadas e cabeças de barrete frigio; que combatem em nome da *civilização* burgueza e da *liberdade* o regime capitalista, e enfim implantem o Comunismo Anarquista.

Como V. Hugo direi:— «O mães! desrespeitemos a guerra. Não consentamos que a Vida trabalhe para a Morte!»

E como eu tenho desprêzo por esses rasteiros e abjectos patriotas!

Os democraticos e pretreiros da gu'rral...

Alto, tartufos!

Salvaterra Junior

A's Associações de Classe

Este periodico, p' as suas colunas á disposicão das Associações de Classe, assim como de todos os oprimidos.

Nêle, dentro de espaço de que passamos a dispor, podem proprios os escravizados dizer da sua justiça.

Grève da Construção Civil

Como é sabido pelas gazetas diarias, haviam-se declarado em grève os operarios da construção civil, que trabalhavam no troço da linha do Seixal a Cacilhas, pelo facto de lhe quererem impôr o orario de 9 horas, quando, para os operarios do Estado, estão estabelecidas as 8 horas.

A grève era parcial, e os operarios fartaram-se de reclamar sem resultado, até que a federação da Construção civil, resolveu ser geral no dia 18 do corrente, o que se fez com todo o entusiasmo, terminando no dia 19, com a mais completa victoria.

E' que os tiranos, os exploradores se cedem em face do numero.

O prazer envidava-nos ao vêr o entusiasmo com que 8 ou 10 mil operarios, em plena praça publica, vitoriavam a grève geral.

Mais uma vez os anarquistas demonstraram ter razão quando se declaram partidarios da grève geral, aceite e defendida como a unica arma de combate contra o patronato e o Estado.

Daqui saudamos os valentes operarios da construção civil, que também sabem reivindicar os seus direitos.

O «Seculo», órgão da formiga branca, que, nas manifestações da mesma, só vê manifestantes aos milhares, largou a calinada de que se juntaram á umas duas mil pessoas que enchiam a praça!

Para mentir até se faz Calino...

Avante!

O atraso em que se encontra ainda a humanidade faz com que seja necessario muitas vezes a violencia para o triunfo duma idéa. Mas, quando o despotismo é muito, e milhões de desgraçados e sacrificados em olocausto a vaidades torpes e interesses inconfessaveis, se resolvem nas angustias ululantes do desespero da fome, então a violencia é um bem. Então surge a nuinamite de terriveis efeitos, cujo troar enche de pavor os maus... Nesses momentos ela tem eloquencia, e fala mais alto do que todas as brilhantes allocuções... E' o protesto contra a covardia de uma sociedade de lama; é o grito retumbante contra todos os opressores de qualquer escola politica ou religiosa.

Eu que me sinto incapaz de fazer o minimo mal a qualquer insecto, salvo circunstancias especificas, alegro-me quando tu, poderoso explosivo, consegues abrir rudes brechas na estrada pedregosa duma sociedade corruptal.

De um mal pode surgir um bem, porque sae muitas vezes o sopro bendito da liberdade, que desalgebra os povos.

Se ha agruras na historia dos povos, também ha paginas brilhantes.

Oxalá que estes engenhos, condenaveis por serem empregados pelos famintos contra os pretorianos de todos os regimens criminosos, emudeçam depois de uma brilhante victoria.

Oxalá que o proletariado em geral progrida aos gritos de Viva a Revolução Social.

Viva a Anarquia.

Lisboa

Bernardino dos Santos.

Vale mais uma Escola Racionalista, que os canhões 42.

S. C. Lucena

Pró-presos por questões sociais

Reunião magna

Com o fim de se iniciarem os trabalhos de propaganda, e resolver qual a attitude dos anarquistas em face da greve geral, a União Anarquista Comunista (sede do Sul) realizou no passado dia 22 do corrente uma reunião magna de anarquistas agrupados e não agrupados. A reunião deu-se na Federação da Construção Civil, estando regularmente concorrida. Depois do nosso camarada Alfredo Cruz expôr os fins da reunião, discursaram os camaradas Manuel d'Abreu, João Francisco, Bernardino dos Santos, Grimaldo Ajuda, Gualdino Rosa, Augusto Cadete, Julio Bispo, Fernandes Gomes e outros, sendo todos unanimes: em que se deve iniciar o mais breve possível propaganda acerrima a favor da greve, para a libertação dos nossos camaradas, e em condenar a pouca actividade da União Operaria Nacional em tão momentoso assumto. Como a'ora já fosse muito avançada, o camarada Bernardino Santos propôs que se effectuasse nova reunião.

Atendendo também a que faltavam alguns camaradas que certamente teriam comparecido se tivessem conhecimento dela, foi resolvido que se desse nova reunião, a qual ficou deliberado ser na Associação dos Fragateiros.

Foi também aprovado o seguinte:

PROTESTO

Os anarquistas de Lisboa reunidos em sessão magna, a convite da União Anarquista Comunista (sede do Sul), protestam contra a intervenção brutal da força publica nos acontecimentos da Ribeira Nova e Almada. Lançando as responsabilidades sobre o governo, pois que o ele não atenuar a carestia da vida, faz com que a fome revolte o povo como se prova pelos mesmos acontecimentos, em que o povo dava gritos de: **Abaixo a fome.**

MOÇÃO

Considerando, que o povo sofre uma crise monumental e se vê quasi por completo condendo á fome pelos senhores, açambarcantes, porem parecendo que por vezes este mesmo povo se esquece de tão afflictiva situação, pois, que pouca attenção e menos apoio tem dado áqueles que ha já tempos a esta parte, lhe teem vindo demonstrando factos e indicar-lhe qual o caminho a seguir, perante o abandono a que o teem votado os dirigentes e demais politicos d'este paiz, pois que teem resultado inuteis todas as medidas, que os governantes teem posto em pratica; pois que os ditos açambarcadores sempre encontram malhas por onde se escapam.

Considerando que tendo-se o operariado e o povo do concelho d'Almada insurgido contra este estado de coisas, protestando num movimento energico contra os açambarcantes e contra a fome que o está assolando, em vista da ignobil ganancia dos senhores do capital ganancia essa, sempre insaciavel;

Considerando que tendo sido esse mesmo povo agredido covarde e canibalescamente, pela guarda pretoriana ou municipal desta republica, chegando a fazer fogo sobre o povo faminto;

Os anarquistas portugueses, reunidos em sessão magna, para apreciarem a morosidade da União Operaria Nacional, na bem triste questão dos Presos por

Questões Sociais, lavram o seu mais vehemente protesto contra tão canibalesca aggressão, e solidarizam-se com o povo faminto e revoltado do Concelho d'Almada, e esperam que todos os camaradas e o povo em geral, que se sintam assediado pela fome, sigam o exemplo de revolta d'aqueles nossos camaradas.

Lisboa, 22 de Outubro de 1915

Em breve devem começar nos sindicatos operarios, sessões de propaganda para a defeza dos camaradas presos.

Basta senhores!

I

Foi em 1910 que o povo portuguez pegou em armas para derubar uma monarchia corrompida e má.

Sim, foi em 5 d'Outubro de esse ano que o povo quis fazer uma nova epoca que arvorasse uma bandeira em que se divizasse o triangulo.—Liberdade, Paz, Amor. Triunfo engano.

Desde a implantação do novo regimen, os trabalhadores tanto te em sofrido com priziões e vexames de toda a ordem, que já disillusionados dessas prometidas liberdades, recalcitram contra a burla, preparada e que conseguida por esses senhores, que se tudo prometiam a tudo faltaram, e nada fazem em beneficio dos trabalhadores. Por isso, vendo estes o logro em que cafram tratam de se organizar nas suas associações de classe para juntamente com outros seus colegas procurarem melhoria de situação.

E o que lhes acontece? O serem maltratados e metidos nas priziões! Basta senhores, de tirar e perseguir trabalhadores, que pelo seu espirito de educação, e a tizez do seu carater, não se curvam perante os detentores da riqueza social.

E sois vós, senhores do poder os que noutros tempos vinheis á praça publica combater os desmandados, os defeitos dos vampiros que então dispunham da lei! E esqueceis tão depressa que foram as perseguições feitas aos individuos pertencentes ás associações secretas, que foi as priziões estarem cheias de republicanos, entre elles os seus chefes, que fez rolar, em 1908, no Terreiro do Paço, os corpos do rei e seu filho.

Oh! belos tempos esses em que muitos, assim como eu hoje, descrente de todos os regimens policos, vos aplaudiamos, prontos a perdermos a vida, como aqueles que em 1908 no Largo de S. Domingos, em Lisboa varados pelas balas da policia e guarda municipal, escreviam nas paredes com sangue das victimas—Viva a Republica.

Sim, eu era um desses que estava pronto para a luta, como vos posso provar, mas hoje tenho aversão por vós, como tinha aos outros, e razão bastante ha para isso:

Onde esta essa liberdade que vós tantas vezes prometeis; onde está ella?

Dizei porque tendes perseguido os trabalhadores, que tratam de reivindicar mais um pouco de liberdade. Vinde dizer com verdade o que vos levou a não dardes a liberdade a João Gonçalves.

Tormenta, que, com mais dezoito, um já falecido foi, acusado pela morte do administrador da Moita. Todos condenados em penas idênticas, e em Outubro do ano findo indultados dezoito e restituídos a liberdade.

João G. Tormenta lá ficou na penitenciaria! Porque? Não o sei, mas sabeis vós que quereis mostrar á burguezia que os seus interesses serão bem defendidos, nem que tenham de fazer victimas.

Manoel Ferreira Torres

Comemoração de Ferrer

Este ano foi largamente solenizada a data de 13 de outubro, data fatídica e lugubre em que a Reação assassinou o apóstolo dedicado da educação racionalista.

As sessões que se realizaram estiveram muito concorridas.

Na Associação do Registo Civil (Lisboa)

Effectuou-se uma conferencia pelo velho anarquista Conceição Pires, que na largos anos está afastado da propagação, onde foi um grande elemento.

Descreve com proficiência a obra de Ferrer e a influencia da insurreição de Barcelona na marcha da Ideia. A assistencia que era enorme aplaudiu-o entusiasticamente.

EM BELEM

Promovida pela União Anarquista C., realizou-se no teatro do Grupo Dramatico de Belem, e sede tambem da secção da Construção Civil, uma sessão de propagação.

Eram 2 e meia, estando o vasto salão cheio de camaradas de ambos os sexos, quando sobre o palco Bartolomeu Constantino, que em nome da União do Sul, descreve a ação e influencia da obra de Ferrer no movimento anarquista. Apela para as mulheres presentes, que, como mães, ensinam os filhos a venerar Ferrer, como o melhor amigo das creancinhas. Termina o seu longo discurso com as seguintes palavras:

«E' preciso que se não lembrem de Ferrer uma vez por ano, mas sim todos os dias, imitando-o, trabalhando pela propagação anarquista, porque só a Anarquia libertará os trabalhadores da servidão economica, e da tirania politica.»

Segue-se o camarada Celso que enaltece a obra de Ferrer como educador.

Toma a palavra o camarada Manuel de Abreu, pelo Nucleo da J. Libertaria, que produz um bom discurso sobre a vida de Ferrer e as causas que determinaram os sucessos da semana sangrenta.

A seguir fala a camarada Julia da Cruz, que em nome da União Anarquista C. (Norte) faz a apologia do ensino racionalista e lembra a necessidade urgente da libertação dos camaradas presos por questões sociais. Por fim usa da palavra o camarada Alfredo Cruz, que se ocupa da obra de Ferrer fazendo uma larga dissertação sobre anarquismo.

EM ALCANTARA

No Centro de Estudos Sociais, recentemente reconstituído, com sede na Rua da Cruz, realizou-se tambem uma sessão comemorativa do fuzilamento de Francisco Ferrer.

Falaram os camaradas Marcello, Jaime Augusto, Julio da Cruz e Fernandes Gomes, representantes da União Anarquista, que se ocuparam da obra de Ferrer e da educação racionalista.

NA FLORESCENTE (Lisboa)

Abre a sessão Bernardino dos Santos, secretariado por Manuel Jose Soares. Em seguida os alunos cantam o inno da Escola.

Em nome da U. A. C. tem a palavra Margarida Paula, que se refere em termos elogiosos ao omenagenado apelando para que todos os operarios ajudem a Escola, para que o ensino racionalista seja um facto.

Apela tambem para os omens para que tragam as suas companheiras ás sessões educativas.

São lidos officios da «União das Mulheres Anarquistas», e União Anarquista C. com sede no Sul.

Tem a palavra Artur Parente, começando por dizer que não rende culto a Ferrer, pois que os anarquistas, pois que os livres pensadores, de facto, devem admirar as homens, mas não telos como idolos. Outros

vultos ha a quem se deve admirar como Ravachol, Villant e outros.

Artur Inacio. Diz que nesta sessão não vem render culto, mas sim comemorar um facto, em que houve uma vitima do jezuitismo, e é sempre util que estas datas se comemorem, e ensinar ás crianças quais os motivos que levaram a tão barbaro fuzilamento.

Jaime de Castro. Principia por expor que não vem render culto a Ferrer, que não vem ajoelhar perante a sua sepultura, mas sim mar elar mais uma vez aos ouvidos d'aqueles que infelizmente não ligam importancia aos que conscienciente tem feito propagação da liberdade.

Não se pode de facto, manter em Portugal, uma Escola racionalista, porque para ela só concorrem os que tem boa vontade mas que nada podem pois os politicos só servem para fins reservados. Diz que se sente alquebrado por ver tanta adversidade de parte dos proprios camaradas, que por perversidade abocanham tudo e todos com calunias, chamando traidores aqueles que com vontade trabalham em prol da coletividade.

Santos Ravelera. Começa por dizer que não está abituado a falar em publico devido á sua nacionalidade. Julga que Ferrer deve ser enaltecido porque enfileirou ao lado dos camaradas com a consciencia nitida de cumprir um dever, já que o governo espanhol o havia coadornado, era portanto infalivel a sua morte violenta, pois que com o seu metodo dava luz ao mundo.

Santos. Pensa que se deve fazer sempre a comemoração do dia 13 d'outubro, pois que não é uma data funebre, mas sim a data em que tomou maior incremento o principio racionalista.

Francisco Antonio da Silva. Não se recuzava de falar mas como não vinha preparado, deixava aos outros a missão e melhor elucidarem.

Relata o que foi Ferrer, dizendo que, quando a educação racionalista for um facto, os tronos e todos os estados baquearão, lembrando para isso palavras de entidades em destaque.

João de Deus. Faz sentir a forma como foi apanha-o sem para isso vir preparado. Relata com precisão o que deve ser o ensino racionalista de maneira pratica e ensinamento, pois só assim a criança poderá pensar livremente. Diz que é livre pensador, e, como tal, socio da associação do registo civil, recebendo alguns ápattes.

Segue outra vez prestando homenagem a Ferrer. Foi encerrada a sessão, apovendo-se o seguinte documento:

«A União das mulheres anarquistas dá a sua adesão á comemoração do 6.º aniversario da morte de Ferrer e protesta mais uma vez contra a detenção dos nossos camaradas na Penitencia, pelo caso da Moita, e contra as prisões dos tambem nossos camaradas Joaquim Candeira Jeronimo de Souza, Aparicio e outros, pelo facto de terem ido em sessão de propagação em favor dos presos. Levanta tambem um energico protesto contra a maldita guerra e, termina dando um grito de abate á guerra, e viva a Escola Moderna. — Adalina Augusta.»

PORTO

No Centro e Biblioteca de Estudos Sociais

Camilo R. — Abre a sessão comemorativa, e diz que, por falta de camaradas convidados, falarão outros que, na sala se encontram.

Nonberto de Carvalho. — Explica que a escola de Ferrer, abria inteligencias, fazia raciocinar.

Que se em Portugal fizessem o mesmo, mais se teria caminhado. Se houvesse elementos, que sou-

bessem raciocinar, não assistiriamos a certos espetaculos vergonhosos.

No julgamento desse homem os protestos feitos pelos diversos paizes, aos anarquistas se devem. Então os politicos, vendo occasião propicia, exploraram com a questão, e vieram-nos dizer que a Espanha era negra, inquisitorial, etc. E muitos, que não viam bem, supozeram que em Portugal, feita a república, as infamias acabariam, mas o que se vê é que tanto ha vitimas aqui, como em França, na Russia, na Italia, enfim em toda a parte, onde a autoridade existe. Porque a Reação, é sempre má, perversa, quer seja negra, ou de outras cores. Em toda a parte a burguezia se serve da propagação do jesuita, porque esta ensina a umidade dos pobres perante os seus verdugos. Em toda a parte os governos gastam rios de dinheiro em material de guerra, e o povo, sem educação, cruza os braços.

O povo, é educado pelo estado, para não compreender a causa do seu mal.

E assim, é que deixa ao abandono, não se revolta, por haver camaradas encarcerados, que tem por crime o amarem a Liberdade! São esses os chamados prosos por questões sociais, e que temos por dever arrancar das prisões desta república.

Alves da Silva. — O que aqui nos traz é a comemoração de um ato de malvados, de facinoras. E tambem é para que luz se faça, e o povo, especialmente as creanças, saibam, conheçam um bom, que por eles morreu.

Não vejamos só, pelo lado material o crime praticado para com Ferrer. Olhem-o, sintamo-lo pelo moral.

Porque Francisco Ferrer não era só a materia, que passeia; não era o corpo do operario que se curva, do militarão, dum bandido, dum Maura, dum Lacerba, João Franco e politicos que chafurdam no lodo dos seus interesses. Tinha um corpo que encerrava a Luz, o Amor pela Liberdade. E isto faz diferença dos corpos de policia, de ministros, e quejandos parasitas. Se assim não fosse as balas assassinas não o crivariam.

Ele sofria, por vêr sofrer.

Via a educação má, propria para atrofiar cerebros, e organizou um programa instrutivo, que não continha o respeito á patria, á religião, á submissão enfim, mas onde cada individuo pudesse buscar a ciência.

Na maioria dos doutores, não podem fazer como as crianças que seguem o metodo de Ferrer; não sabem raciocinar como elas, e para o demonstrar, lê trechos escritos por uma menina e um menino.

Nas escolas officiais nunca se chega a tal perfeição.

Educação que leva creancinhas a descrever como ouvisteis; parece ser bastante para demonstrar que é nosso dever espalhar-a, e não a que faz submeter. Então, finalmente, poderá haver a fraternidade, o Bem, o Amor sobre a Terra.

Costa Carvalho. — A humanidade levada, arrastada por ambiciosos, por uma sociedade de omiosos, colocou os trabalhadores numa situação de enriquecer parasitas. A instrução verdadeira é só para os ricos, para os protegidos, porque se os filhos do Povo, considerados a canalha, a escória, conhecessem a Verdade, o que procedimento teriam.

Como a ciência só dada era aos endinheirados, o Povo começou tambem a querer ter conhecimentos. Então o Estado monopolizou o ensino para bestialisar os cerebros. Mas houve um homem, Ferrer, que soube compreender, estudar, essa vontade, dos que tinham necessidade de aprender.

Fundou para isso as suas sublimes escolas, em que a burguezia,

Libertario e a Ideia

Ao camarada B. Constantino

I

Campeia pelo mundo a iniquidade e o crime...
Feroz, o depotismo esmaga as multidões...
Abrem de par em par as portas das prisões...
Impera a escravidão... A fome tudo oprime...

Mas afinal quem é que procurar redime
A turba dos sem-pão, quebrando-lhe os grilhões?
— Um homem que não teme as bocas dos canhões,
Audaz batalhador dum ideal sublime.

Chama-se o libertario. — Arauto do Direito,
Combate a tirania, o dogma, o preconceito
(Usando unicamente as armas da Rasão).

Para que raie, enfim, na terra o sol do Amor,
Tornando a Sociedade assás bela e melhor,
A todos dando jus ao bem-estar e ao pão!

II

E embora a burguezia — a cáfila opressora —
Sustente a cada passo aniquilar a Ideia,
Lançando contra elle a cinica alcaeteia
Dos beaguins da lei, com sanha destruidora;

Embora essa canalha infame, exploradora
— Matilha de zangãos vivendo á custa alheia —
O mande perseguir e o encerre na cadeia
Ao vê-lo apostolar a guerra redentora;

A Ideia segue sempre ávante pelo mundo,
Lançando ao vasto sólo ubérrimo e fecundo
O germen dum Porvir soberbo de belezas.

E ao mesmo tempo o forte impulso da Sciencia
De luz vai inundando a rude consciencia
Do povo produtor de todas as riquezas.

Lisboa, Outubro de 1915.

M. S. Andrade Cadete.

zia, a que ele pertencia, procurou entrar, ao que obsteu.

A sua obra não era para só combater o jesuitismo, como a maçonaria deseja. Era mais ampla, mais bela, visava á Felicidade, á Anarquia.

Eram tais os resultados, que professores de diversos paizes, lhe perguntavam qual era o seu método, ao que respondia ser o sentimento do Bem.

Não nos iludamos. O Estado de Portugal é o mesmo que o da Espanha, da França, da Alemanha, etc.

Se Francisco Ferrer tombou, é porque assim convinha á Reação de todos os paizes. Mas que todos os nossos irmãos, como nós escravos, sacudam o jugo que nos sobrecarrega.

Organismos, é certo, associações de classe, mas tem uma vida tal, que pouco temos a esperar delas.

Ferrer, foi mais alem, organizou escolas, porque compreendeu que eram contra os capitalistas, enquanto o não somos. Compreendeu que o mal vinha da raiz da arvore daninha que alastra, e preparava então arranca-la.

Anibal B. — Declara estar representada a União Anarquista Comunista, de Portugal, e portanto o seu órgão a «Comuna Livre».

No Centro e Biblioteca de Instrução Livre e Social. — José Malta (dedicado professor de este centro). Diz que os presentes ali se encontram reunidos, para comemorarem o assassinato de Ferrer, verdadeiro apóstolo da instrução.

Alves da Silva. — Eis nos aqui para comemorar a data tragica, do desaparecimento violento, do que em vida foi Francisco Ferrer.

Depois da sua morte encontra-se nos livros, nos jornais, no peito dos amantes da Liberdade.

Ao ser assassinado nos fossos de Monjuich, os seus algozes visavam unicamente destruir a sua obra.

Mas essas creaturas enganaram-se, porque ela mais se enrai-

zou. E esse Omem quando caiu, foi como um facho de luz que se erguesse.

O mesmo tem acontecido a muitos, quer na ciencia, quer nas lides operárias.

Fala do inventor do telefone, que morreu na miseria porque tinham a sua obra como imoral.

Termina dizendo: de Luz, só de Luz devemos viver, para que na Terra se levante enfim a harmonia, e se possa viver na Verdade.

Maciel Barbosa. — E' em cumprimento de um dever que vem ali, diz. O que levou Ferrer á morte, foi ser apóstolo da instrução.

Os trabalhadores, os que estão do lado de cá da barricada, tem a necessidade de educação perfeita, mais propria com o espirito moderno. Assim foi que Ferrer o compreendeu e executou. Para isso preparava professores para a sua escola racionalista, que faz muita diferença das que levam ao espirito a religião e o pensamento da patria.

Portanto o crime que ele praticou, e a Espanha jesuitica não perdoou, foi ter conseguido que uma mulher, fanatica religiosa, puzesse ao seu dispor a fortuna que possuia, para com ela abrir escolas.

E a reação procurava todos os momentos para o aniquilar. Assim foi que o quizaram tornar responsável pelo lançamento da bomba, quando do casamento de Afonso XIII, o que não poderam conseguir, levando a cabo a sua infame traição depois dos acontecimentos de Barcelona, em que o povo se manifestou contra a guerra em Marrocos. Mas se Ferrer tombou, a sua obra não o acompanhou no tumulo, porque dava conhecimentos precisos, abilitando a arrostar com a vida. E' o contrario do ensino official, porque se o povo se compenetrasse dos seus direitos, não se deixaria roubar.

Portanto, façamos tambem alguma coisa, procuremos que as creanças compreendam a sua conduta, e se não vejamos atos deprimentes, como os dos velhos serem corridos por essas ruas.

As mães, devem saber que tem de ser as primeiras educadoras, e os homens uns cooperadores também.

Devemos, principalmente os que tem filhos, ter também educação moral, para não praticar-mos atos que concorram para a corrupção.

Devemos espalhar a instrução, ao contrario do que a Igreja diz, que não consentia o saber escrever, a não ser aos seus, por considerar isso uma imoralidade pois por esse meio se podiam corresponder homens e mulheres.

E' preciso, pois não esquecer a obra de Ferrer, e a maior omenagem que se lhe pode prestar é continuar a sua obra.

Ser humanos, corresponder a ser civilizado.

E' preciso que nos respeitemos para que possa haver harmonia.

O que acabo de expor é precisamente o que não convem á outra parte da sociedade.

Contribua cada um com o seu esforço; para que não haja fronteiras, que nos maniam e teremos conseguido a extinção da Opressão.

Julio de Campos—Declara estar representada a União Anarquista de Portugal e portanto o seu órgão, a «Comuna Livre».

Camilo Augusto—Diz a poesia «A Luta».

Joaquim Gonçalves—Fala pela Associação dos Tecelões Manuais do Bairro Ocidental. Principia por dizer que a violencia praticada para com Ferrer foi obra de infames. E o operariado não cumpriu o seu dever, para obstar a isso.

O que faz, em grande parte, é ser apologistas do chamado autor da lei da separação, que foi um tirano, quando no poder; lei que satisfaz o ideal do tal autor, porque um padre que não trabalha recebe dinheiro, roubado ao trabalhador.

E' preciso que se compreenda que o que se deu em Espanha, pode acontecer em Portugal. Os preparativos para a guerra atiram-se e certamente muitas vitimas se farão.

Deixemos a politica e vejamos as coisas tal qual são. Façamos por sair do terror, para que se não veja nos que não militam no democratismo, inimigos da pátria, como dizem, á imitação do jesuita, que diz ser inimigo de deus quem não pertence á sua seita.

José Malta—Diz que acaba de ser recebida a «Comuna Livre», órgão da União Anarquista Comunista.

Periódico orientador dos verdadeiros principios da Liberdade, que tem por garantia de cumprimento do seu fim os seus cooperadores.

Leça—Refere-se ás comemorações efetuadas. Diz que o jesuitismo quiz fazer desaparecer um ser que espalhava a instrução. Fuzilaram-o, porque a reacção espanhola, mancomoadada com a de todo o mundo, quizeram aniquilar quem, faria uma transformação, sem vir ás praças publicas.

Em seguida explica o que foi Ferrer. Como conseguiu, pela sua retidão, que uma mulher rica, desse a sua fortuna em prol da educação; fortuna que até á favorecia aos padres. Como a Igreja, não lhe perdoando o bem que ele espalhava, lhe jurou a sua morte, não descansando enquanto não realizou esses seus vis intentos.

Assim é que a Autoridade sempre procede para com os inimigos da escravidão.

A sociedade está tão corrompida que arrasta os individuos para o lodaçal, e estas escolas, como aquela em que estamos, procuram aperfeiçoar a humanidade.

Em seguida expõe que o metal que está nos cofres, é sangue dos trabalhadores, e que devemos reconhecer que é o capital que promove cataclismo como a guerra.

E' preciso não esquecer que tal calamidade foi desencadeada pelo capital.

E' preciso ter isto em vista, e não só lamentar os nossos irmãos que vão para os campos de batalha.

O mal só desaparecerá quando a sua causa acabar.

Necessario se torna destruir leis, fronteiras, estados.

E não descançemos, que um dia virá em a patria seja posta de parte, para se proclamar a Patria Mundial.

José Dias—Representa o drama em um ato «O Criminoso».

Camilo Antunes—Recita «O Revoltado».

Nos do Livre Pensamento

No passado dia 13 inaugurou-se a reorganização da Associação do Livre Pensamento e na qual deveria ser feita uma conferencia dedicada a Ferrer.

Para lá fomos. Ao entrar, deparamos com colchas verdes e vermelhas, bandeiras nacionais e, sobre o escudo da tal associação o emblema da patria!

Logo duvidamos que ali existisse o livre pensamento, pelo menos no que dispôs da decoração, pois dogmatizava o preconceito da patria, tão nefasto como o deste.

No entanto fomos esperando, a qual não foi o nosso espanto quando os tais livres pensadores, depois de terem apoiado «que ali podiam estar de todos os partidos politicos» e afirmado «que ali não existia politica» ao ser dada a posse ao presidente, se põem de pé em sinal de respeito, ao ouvirem os acordes do ino nacional! Tal qual como fariam os fanáticos catolicos, descobrindo-se ao toque das trindades, dadas por um sino se conservam de pé silenciosos! Sempre as mesmas causas e os mesmos efeitos.

Educação fradesca e convencionalismos derivados.

Vimos depois ainda que oradores faziam guerra ao padre, só porque ele batiza e procede com o ritual preconcebido pelas anacronicas instituições religiosas. E a nós mesmo perguntavamos que diferença fazia um padre dum politico, quando um faz acreditar no Deus Divino e o outro no Deus Patria, e que afinal só servem de grilhões, em que apertam a Liberdade.

Intrigava-nos ou melhor, enojava-nos tal livre pensamento, de partido, que só entendia por livres pensadores os da sua capela.

Mas, para nosso júbilo, pensamos que a Luz se ha-de ir fazendo, e que, por mais que façam os reacionarios de todos os matizes, a redenção será um facto e talvez mais breve do que se pensa.

Então, sim, triunfará o Livre Pensamento, porque rutilará a Anarquia.

Vila N. de Gaia

Escola Racional da «Gervide»

Realizou-se no passado domingo 17, na sede desta escola, uma sessão solene comemorativa do 6.º anniversario do assassinato de Ferrer.

Presidiu Alberto Lima, secretario por Ilidio Santos e Simião Batista. Depois de algumas palavras do presidente foi lido um officio de saudação da União anarquista-comunista (Norte-Gay).

E' dada depois a palavra a Manoel J. de Sousa, que saudou todos aqueles que tem trabalhado pelo engrandecimento da escola. Innumera as fazes porque tem passado a sociedade e a preponderancia que tem sobre essas fazes a escola. Mostra a diferença entre a escola burguesa e a escola racional: a primeira tem como base de educação o respeito a Deus ou a Patria; ficando as crianças a ser servos obedientes aos padres ou aos militares; enquanto que na

segunda se ensinam a amar a vida.

A seguir foram recitadas poesias por José Vilhena, Agostinho dos Anjos e Ilidio Santos.

Segue-se Serafim Lucena que produziu um verdadeiro discurso anarquista.

Sauda em primeiro logar a escola em festa e todos que por ela tem trabalhado. Diz que vale mais uma escola que um canhão de 42: o canhão destróe cidades mas não destróe preconceitos; enquanto que a escola vai destruindo, mas sem polvora nem dinamite, todos os preconceitos da sociedade. Demonstra depois que a sociedade é uma só. Que quer nós sejamos portugueses, francezes, alemães ou russos todos somos irmãos, pois que até segundo a biblia, somos filhos do mesmo pai. Mostra o que é esse antro tenebroso: o militarismo. Todo aquelle que entra na caserna é como a criança que entra na cadeia. Um perde o amor á familia e a todos os seus companheiros de sofrimento, para se fazer uma fera que só deseja matar; o outro entra na prisão ignorante e sai de lá uma creatura preversa.

Diz que a mulher ao educar seus filhos não os ensine a ajoelhar ante os tiranos, mas que lhe ensine o caminho a seguir, para que não vá para para a caserna defender aquillo que lhe é prejudicial: o estado e o capital. E que, quando um dia os trabalhadores como ele se lançarem na revolução para conquistarem aquillo a que tem direito, ele seja também um desses herois.

Seguiram-se poesias por Joaquim de Sousa, José Vilhena e Serafim Gonçalves.

Foram todos muito aplaudidos, destacando-se Lucena, que durante o seu discurso foi muitas vezes interrompido com palmas e no final ouviu uma vibante ovação assim como vivas á anarquia.

Abrihantou esta sessão um conjunto de amadores de musica que executou um escolhido repertorio assim como a internacional, que foi cantado em coro pela assistencia.

Fez-se representar o Grupo de Propaganda Libertaria.

Receber beneficios é vender a liberdade.

A's associações de classe

Este periodico, põe as suas colunas á disposição das associações de classe, assim como de todos os oprimidos.

Nêle, dentro do espaço de que possamos dispor, podem os prop los escravizados dizer da sua justiça.

Escola Industrial Infante D. Henrique

Diversos operários, alunos desta escola, procuraram-nos, queixando-se contra a ordem dimanada da secretaria, que obriga tirarem o chapéu logo que estejam no patamar.

Realmente isto é deveras exequito, só demonstrando a tacañês do figurão que tal determinou.

Melhor fóra que cndassem de desenvolvimento escolar; que tornassem a escola atraente, e não um logar a que se vai com custo.

Mas esperem, que isto ainda não é nada. Dentro em pouco talvez se lembre de mandar colocar uma *virgem senhora*, perante qual os alunos terão de entoar umas graças. E tem que a *gramar*, porque senão... depõe a espada... para novamente a tomar, porque para esta gente sempre é melhor passar a vida sem trabalhar. Porque, já se sabe, o reles trabalho é para a gentalha. A gente fina e onrada vive á custa do... que é seu.

Declaração

A União Anarquista Comunista (Norte) declara, que as noticias publicadas nos jornais, dum caso passado em Vila Nova de Gaia, com um individuo de sobrenome Jobling, não se prendem com o camarada Frederico G. Jobling.

Como era de prever escusado seria esta declaração, se não fossem os mal intencionados poderem querer pôr em ação as suas sabidas manhas.

N. B.—Não podemos satisfazer os pedidos de remessa de mais periodicos do primeiro numero, por já estar esgotado.

Organização Anarquista

União Anarquista Comunista—(Sul) Reuniu no dia 12 do corrente estando presentes todos os enviados e tres aderentes. Foi um officio da associação dos caixeiros de Lisboa, participando que não podia ceder a sala pedida para uma sessão a favor da paz. Foi resolvido dar uma resposta energica.

O enviado do grupo Comunista (d'Olmira) protesta por terem faltado alguns grupos á reunião extraordinaria.

Entrando na questão dos presos, os enviados dos grupos Comunista (d'Olmira), Rebeldes, Rebelião e Dinamite Cerebral, fazem a declaração que estão incondicionalmente ao lado do movimento grevista que se venha a dar, para conseguir a libertação dos camaradas presos.

O enviado do grupo G. A. diz que não prevê bom exito na greve porque desconfia da inação da U. O. N. e U. dos S. O. mas que no entanto fará todo o possivel para que o movimento seja energico e consiga alcançar o seu fim. Resolveu-se dar uma reunião magna de anarquistas, agrupados e não agrupados, para o mesmo fim.

Foi lavrado um protesto, contra os fuzilamento da Amora, e contra as prisões e expulsão dos militantes do movimento operario em Evora. Também, foi deliberado que os grupos continuem em reunião permanente até complemento do comicio de 3 do corrente.

Novamente reuniu em 19 do corrente, estando presente todos os enviados e varios aderentes.

Lido um officio da Confederação Operaria Brasileira, em que pedia a renuncia dum delegado nosso ao congresso *Pro Paz*, por não estar presente e reclamando a credencial para o camarada Leal Junior. Foi também lido um officio da União A. Comunista (sede do norte). Sobre este o camarada Bartolomeu diz desde que havendo uma redação do órgão em Lisboa, não deve ser publicado artigo algum do sul, sem passar pela mesma redação e sem levar a chancela da União, mas que para isso é necessario que se nomeie o corpo redatorial e administrativo, do periodico. Como fosse aprovado ficaram nomeados os camaradas para tal fim.

Nesta altura trocam-se palavras de verdadeira fraternidade para com os camaradas do Porto e Lisboa.

Foi resolvido saudar a Federação da Construção Civil pela forma como o seu movimento se mostrou energico.

O enviado do Grupo Comunista Libertario (de Odemira), fala na Liga Economica Nacional que se vae formar, e apresenta a seguinte

Moção

Considerando que é uma desconsideração á classe operaria, a forma incidiosa como alguns operarios se prestam ás maniganças de intrusos no meio proletario, para fins politicos e comodistas;

Considerando que, para a organização operaria, necessario se torna fazer a maxima propaganda concreta e sintetizada, de forma a não haver suspeição para os mesmos, pela relutancia que ha em se sindicarem nas colectividades profissionais;

Considerando que a celebre liga chamada a «Liga Economica Nacional» ultimamente debatida na imprensa diaria é levada a efeito pelos politicos de barriga, inimigos fignados da massa productora;

A União A (Sede do Sul) na sua sessão de 19 do passado mez.

Resolve

1.º Protestar energicamente contra toda e qualquer pessoa que queira especular com a classe operaria;

2.º Que afim de evitar confusões dentro das ideias e propaganda no movimento operario, em qualquer comicio ou sessão de propaganda e pela imprensa em geral se faça a destrição necessaria para inutilizar esses intrusos;

3.º Que se divulgue o mais possivel de que a «Liga Economica Nacional» não é mais do que um dos muitos trucs, de que os burgueses lançam mão, para desmortearem a massa productora.

Pelo grupo Libertario Comunista (d'Odemira)

O enviado

Bernardino dos Santos

Grupo Libertario os Rebeldes—Deliberou reunião todas as quartas-feiras no local do costume ás 8 e 30. Agir revolucionariamente em todos os movimentos tendentes a reivindicações, a que seus componentes não faltem.

O secretario

APÊLO

A todos os camaradas que queiram auxiliar José da Silva, que cegou, tendo dado uma parte do seu esforço para a propaganda e formação do centro, avisa-se que o podem fazer enviando qualquer importancia ao Centro Estudos Sociais, R. Cruz 17-2.º—Alcantara.

Grupo «Luz do Futuro»—Acaba de se constituir em Lisboa, este novo agrupamento, que vem engrossar a falange dos que denodadamente trabalham pela causa anarquista.

A'vante camaradas, que o momento é de luta.

Grupo Acção e Propaganda

Anarquista Dinamite Cerebral

Reuniu este grupo em 26 do passado mez sendo resolvido que fosse apenas de 15 individuos. Foi nomeado o comité, e resolveu-se que a cotisação fosse voluntaria, e que cada agrupado pague 7 centavos para a amortisação do deficit.

O secretario

Julia Cruz.

Na administração de este periodico (Porto), encontram-se á venda os seguintes livros:

A Anarquia, E. Malatesta. 5 et.
Burguesia e o proletariado J. Prati 4 »
Rugidos e Lamentos-versos Salva terra J. 3 »
Pedras toscas. Bedy 2 »
A Associação E. Pouget 3 »

Os pedidos devem vir com a respectiva importancia.

Tambem se enviam outros livros referentes ao Ideal.